

Encontro com a Palavra GUSTAVO FRANCO, dinheiro e magia

Liana de Camargo Leão, professora da Universidade Federal do Paraná, editora do *Global Shakespeare's* do MIT. (UFPR – CESH - Instituto Gandarela/Globe Brasil).

Fausto, o homem ambicioso que fez um pacto com o diabo em troca de sua alma para obter conhecimento e prazer ilimitados. Uma lenda alemã e, também, uma figura histórica.

Sim, existiu um Jorg, Johanes ou Johann Faust, que teria vivido entre 1480 e 1540 na corte alemã, ou perambulando entre o que hoje é a Alemanha e as cidades de Cracóvia, Paris e Roma. Goethe não leu a versão completa do livro, publicado pela primeira vez em 1587 e com o título comprido, que já contava o enredo: “História de D. Johann Faust, famigerado feiticeiro e necromante; a maneira como estabeleceu acordo apazado com o diabo; a que singulares aventuras entrementes assistiu, arranjou e provocou até que finalmente recebesse a paga merecida.

Gustavo Franco, Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, ex-presidente do Banco Central e sócio fundador da Rio Bravo Investimentos, é Ph.D. em Economia pela Universidade Harvard. Publicou “A década republicana: o Brasil e a economia internacional 1888-1900”, “O Plano Real e outros ensaios”, “O desafio brasileiro: ensaios sobre desenvolvimento, globalização e moeda”, “Crônicas da convergência: ensaios sobre temas já não tão polêmicos”, “A economia em Pessoa” e “Shakespeare e a economia”. Franco é um dos principais observadores da economia do Brasil.

Goethe teve acesso à versão mais curta do “Faust”, de 1725. O pacto entre Fausto e o demônio, os 24 anos em que Fausto desfruta prazeres, sua morte violenta, a magia, além de aspectos cômicos e trágicos já presentes na versão.

Outros escritores beberiam desta mesma fonte, como o dramaturgo inglês Christopher Marlowe (1564-1593), contemporâneo de William Shakespeare (1564-1616), e que usou o *Volksbuch* como fonte para a sua peça *A trágica história do Doutor Fausto*, de enorme sucesso nos palcos ingleses. Existem duas versões para o Fausto marlowiano, a versão A e B, ambas do fim do século XVI, e publicadas postumamente. O Fausto de Marlowe popularizou o mito na Inglaterra. Vale mencionar que, como seu personagem, Marlowe era uma figura misteriosa – dramaturgo, poeta, espião, herético, homossexual, duelista, mágico. Ambicioso, Marlowe teve um fim trágico: aos 29 anos, foi, por motivos dúbios e desconhecidos, assassinado com uma facada no olho, em uma taverna, em 1593. O criador copiou a criatura.

Talvez Goethe tenha experimentado o mito de Fausto em criança, em sua cidade natal. Como as lendas que corriam na feira de Frankfurt sobre o misterioso alquimista, Goethe nasceu nesta cidade, em 1749. Frankfurt respirava Fausto. Com certeza, em menino, Goethe teve oportunidade de assistir ao teatro de marionetes e viu várias versões de Fausto.

A ambição faustiana vivia não só na cidade, mas também na casa de Goethe; o pai era extremamente exigente, foi o primeiro professor do filho e o obrigava a estudar e praticar, além de ciências, religião, desenho, música, dança e equitação, literatura e línguas. Com oito anos, Goethe tinha aulas de alemão, francês, italiano, latim, grego, ídiche e hebreu... Tornou-

se poeta, filósofo, criador de uma teoria da luz, advogado, executivo da administração de Weimar, e dramaturgo.

Se Fausto trata da ambição pelo conhecimento, Goethe vive a ambição de seu pai pelo conhecimento ao ponto de ter adoecido e ficado tuberculoso. Não se sabe se fez algum pacto para se curar, mas o fato é que se recuperou, para o benefício da literatura e da posteridade, e a história de Fausto o acompanhou por toda a vida. Reescreveu-a diversas vezes. Publicou Fausto, um fragmento (1790); dezoito anos depois, Fausto I (1808); e, após sua morte, o Fausto II (1832). Mais de sessenta anos pensando em Fausto, sua obra máxima, poema “incomensurável”, nas palavras de Thomas Mann, que também reescreveria o mito em Doutor Fausto (1945).

Dentre os Faustos que Goethe escreveu, para quem nunca leu, talvez o caminho mais fácil seja ler o texto que Goethe nos recusou: ele destruiu um manuscrito de 1775-76. Felizmente, o texto havia sido copiado à mão por uma amiga, Luise von Göchhausen. Luise teria se encantado com a obra que o jovem e belo Goethe, então com 26 anos, lhe mostrara. A cópia de Luise, perdida até 1887, veio à tona e trouxe-nos mais um Fausto, o Urfaust.

Em termos de leitura, para os que foram além do Urfaust, para os que venceram o desafio de ler o Fausto I, há um desafio muito maior: a parte II do Fausto, mais extensa que a primeira, e repleta de discussões sobre economia e política. Obra do fim da vida de Goethe foi objeto de estudo profundo e comentário crítico pelo economista alemão Christoph Binswanger, em Dinheiro e Magia (1985). O livro, traduzido para o inglês em 1994, e para o português em 2012, tem prefácio e pós-fácio do economista brasileiro Gustavo H.B. Franco.

O estudo de Binswanger é um dos raros comentários a abordar Fausto II sob o ponto de vista da economia. É importante lembrar que, na época de Goethe, os reis e governantes ainda buscavam a ajuda de astrólogos e alquimistas para resolver problemas do Estado, para tentar transformar chumbo em ouro, ou decidir o melhor dia para a coroação de um monarca. É bastante conhecido o astrólogo John Dee, da corte de Elizabeth I, que estabeleceu o dia 15 de janeiro de 1559 como melhor dia para a coroação da jovem rainha que governaria a Inglaterra até 1603.

Para Binswanger, o Fausto II é um momento em que se percebe que, melhor que o astrólogo, um “economista profissional” como Fausto e Mefisto, que dominam a organização dos bancos e a emissão do papel-moeda são os novos “alquimistas”.

Tudo isso e muito mais está posto no livro Dinheiro e Magia (Zahar, 2011), que traz ainda desdobramentos das reflexões de Binswanger para o Brasil, na análise fina e inteligente de Gustavo Franco: “o ideal fáustico certamente encontrou no Brasil uma terra muito fértil, tal como nos países onde estão localizados os canais transcontinentais com que sonhava Goethe, e seguramente foi um locus privilegiado para trabalhos que lembravam o pactário, começando pela bestialidade da colonização, pelo escravismo, pelos ciclos predatórios do açúcar e do café, passando pela construção de Brasília no apogeu do industrialismo juscelinista, a capital simbólica da era fáustica, em seguida pelo milagre econômico produzido pela ditadura, e chegando ao uso desmesurado da inflação como combustível para o desenvolvimento ao menos até 1994”.

Franco levanta a hipótese de que o verdadeiro patrono do crescimento brasileiro seria ninguém menos do que o Fausto de Goethe. Encontramos a política e a economia no Fausto II, de Goethe, que Gustavo Franco explora em relação à tragédia do desenvolvimento brasileiro.

Como escreveu o estudioso Oto Maria Carpeaux, “um crítico comparou o caminho do leitor através das páginas de Fausto à subida pelas escadas da torre de uma catedral gótica: é uma escada estreita e às vezes perigosa, mas no alto abre-se o grande panorama do espaço e do tempo.”